

Celso Luiz Prudente & Rogério de Almeida
(Orgs.)



Cinema Negro

e a contemporaneidade inclusiva



FIESP SESI



© 2025 by Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo
Distribuição gratuita.
Coordenação editorial: Rogério de Almeida e Celso Luiz Prudente
Projeto Gráfico e Editoração: Marcos Beccari e Rogério de Almeida
Capa: Marcos Beccari
Revisão dos autores



Esta obra é de acesso aberto. É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.

Catálogo na Publicação
Biblioteca Celso de Rui Beisiegel
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

C574 Cinema negro e a contemporaneidade inclusiva. / Celso Luiz Prudente; Rogério de Almeida (Organizadores). – São Paulo: FEUSP, 2025.
474 p.

ISBN: 978-65-5013-023-7 (E-book)
DOI: 10.11606/9786550130237

1. Cinema e educação. 2. Cinema negro. 3. Inclusão. 4. Contemporaneidade.
5. Ações afirmativas. 6. Educação antirracista. I. Prudente, Celso Luiz (org.). II. Almeida, Rogério de (org.). V. Título.

CDD 22. ed. 37.045

Ficha elaborada por: José Aguinaldo da Silva – CRB8a: 7532
Obs.: Citações e referências não estão padronizadas por opção dos organizadores.

Universidade de São Paulo

Reitor: Prof. Dr. Carlos Gilberto Carlotti Junior
Vice-Reitora: Profa. Dra. Maria Arminda do Nascimento Arruda

Faculdade de Educação

Diretora: Profa. Dra. Carlota Josefina Malta Cardozo dos Reis Boto
Vice-Diretor: Prof. Dr. Valdir Heitor Barzotto
Avenida da Universidade, 308 - Cidade Universitária - 05508-040 – São Paulo – Brasil
E-mail: spdfe@usp.br / <http://www4.fe.usp.br/>

FEUSP

Apresentação

A 21ª Edição da Mostra Internacional do Cinema Negro – MICINE traz como temática central a temporalidade como demanda inclusiva, considerando que o cinema negro brasileiro surgiu imbuído da consciência sobre a educação das relações étnico-raciais. Representa um estágio avançado e qualificado da resistência em prol da axiologia negra, com o propósito de resgatar o sentimento de origem da nação ancestral e afirmar a trajetória pregressa de uma dignidade humana que foi negada na estratégica tentativa de justificativa salvacionista da persistente eurocolonização.

Essa ação de hegemonia política ancora-se no ideal eurocaucasiano, que estabelece o patriarcalismo do homem branco europeu como símbolo de perfeição e harmonia. O fenômeno de dominação racial proveniente do universo europeu dá-se em detrimento de outros segmentos raciais que constituem o diverso, tais como: ibericidade branca, asiaticidade amarela, africanidade preta e amerindidade vermelha. Essas culturalidades formaram as matrizes culturais da sociedade brasileira. Entretanto, a gênese dos povos do diverso foi, e continua sendo, estranha aos *nomos* do universo europeu, que tende a reduzir a humanidade da diversidade que lhe é alheia.

Busca-se, assim, a superação do anacronismo excludente impregnado em uma institucionalidade monocultural, regida pela euroheteronormatividade – norma, lei e razão –, que impõe o patriarcalismo do homem branco europeu a partir de uma verticalidade da hegemonia imagética. Essa hegemonia procura fragmentar os traços epistêmicos da amálgama cultural que representa o ibero-ásio-afro-ameríndio. No caso específico da sociedade brasileira, essa amálgama miscigênica do diverso trava uma luta ontológica contra o autoritarismo da representação do euro-hetero-macho-autoritário.

O cinema negro, em sua dimensão pedagógica, atua como dispositivo de contemporaneidade inclusiva, com uma pedagogia dialética do afrodescendente – maioria minorizada – dentro da horizontalidade da imagem do ibero-ásio-afro-ameríndio, incluindo também as demais minorias: mulheres, homoafetivos, LGBTQIAP+, indígenas, ciganos, pessoas com deficiência, entre outros. Esses grupos, que se apresentam como “diferentes” para a euroheteronormatividade, encontram no cinema negro um espaço de ensino e reflexão sobre quem são e como devem ser tratados em uma sociedade substancialmente democrática.

Esse processo oferece contribuição definitiva para colocar uma sociedade em crise de identidade racial nos trilhos de uma democracia substancial, ensinando que a verdadeira substancialidade democrática se revela na presença visível de todas as expressões humanas. O contrário dessa amplitude holística é uma democracia limitada a uma construção meramente adjetiva.

A contemporaneidade inclusiva, portanto, encontra-se orientada pelo sentido civilizatório do saber circular egípcio-bantu, no qual se enraíza o pensamento de relações comunitárias solidárias, caracterizadas pelo princípio do *ubuntu*: “sou porque somos”. Essa orientação filosófica aponta para relações solidárias, unidas pelo sentimento de pertencimento, fortalecendo o sentido saudável das relações sociais em respeito a todas e todos. Esse é um princípio estrutural da estética inclusiva do cinema negro.

Os organizadores